

Aula 6

Paraíso e pecado original

1. Introdução

Se a gente tentasse entrar na cabeça de Deus (oh vã pretensão!) poderíamos pensar o seguinte: bom, se Deus ia projetar o homem, e esse ia ser a sua obra mais bacana, ele poderia ter caprichado um pouco mais.... Afinal de contas, o homem real que nós conhecemos às vezes desanima um pouco. É só ver o Mike Tyson mordendo a orelha do outro, ou esses programas de auditório onde a imbecilidade humana é o show, a novela das oito, e todas as guerras e atrocidades e violências.

Na realidade, Deus poderia ter caprichado um pouco mais. E de fato o fez!

O homem que saiu do departamento de projetos do Céu era outro papo. A Igreja chama o homem que esteve nessa condição de "estado de justiça original", e esse é um dado objetivo da Revelação. Se não fosse revelado não teríamos como saber.

Quando no livro do Gênesis Deus fala do Éden, onde coloca o homem para o cultivar e guardar:

Gen, 2,

8 Então plantou o Senhor Deus um jardim, da banda do oriente, no Éden; e pôs ali o homem que tinha formado

9 E o Senhor Deus fez brotar da terra toda qualidade de árvores agradáveis à vista e boas para comida

O Escritor Sagrado fala da desse estado de justiça original. Nessa condição, o homem possuía certas propriedades, dadas diretamente por Deus, que o situavam dentro da criação de maneira, por assim dizer, muito confortável, soberana.

Imortalidade: Gen 2, 17 mas da árvore do conhecimento do bem e do mal, dessa não comerás; porque no dia em que dela comeres, certamente morrerás.

Impassibilidade: 3, 16 E à mulher disse: Multiplicarei grandemente a dor da tua concepção; em dor darás à luz filhos;

Harmonia das relações entre homem e mulher: Gen, 2, 25 E ambos estavam nus, o homem e sua mulher; e não se envergonhavam.

Soberania, acima de tudo, sobre si mesmo, especialmente o domínio racional sobre as paixões (dos sentimentos descontrolados)

O homem não estava sujeito, nesse estado, às dores e penas dessa vida

Tinha um conhecimento muito agudo e uma vontade muito mais robusta, menos sujeita às intempéries das paixões.

Rita Lee: Bom até aí tudo azul, Adão e Eva no paraíso sem pecado e sem juízo

2. O pecado original

Francis Hime:

Era uma vez uma floresta
cheia de festa e balangandan
E um belo dia uma menina
achou no mato uma maçã
uma maçã uma maçã uma maçã
Olhou a fruta meio de banda
como se fosse coisa malsã
como se nada lhe deu um dente
e de repente tchan tchan tchan
OuvIU na mata a voz possante
extravagante do Deus Tupã
mas que tolice, minha menina, minha cunhã

Bom, que história é essa, afinal de contas?

1. Existe mesmo essa bendita maçã ou não? O que isso quer dizer afinal de contas?
2. Por que diabos comeram a bendita fruta? Eles não sabiam que ia dar cacá?

1. Evidentemente, estamos fazendo a interpretação de um texto bíblico cujo estilo literário é essencialmente alegórico, poético, semítico (como falávamos na semana passada).

Assim, é evidente que a história da fruta é uma grande alegoria do que realmente aconteceu. Vamos ao texto:

»GÊNESIS [3]

1 Ora, a serpente era o mais astuto de todos os animais do campo, que o Senhor Deus tinha feito. E esta disse à mulher: É assim que Deus disse: Não comereis de toda árvore do jardim?

Serpente: é o demônio. Vamos falar nele daqui a pouco. Aqui está claro qual o seu papel no processo: enganar o homem (pai da mentira, mentiroso por excelência). Fazer o homem achar que o que é aparentemente bom é bom mesmo, ainda que Deus diga o contrário.

2 Respondeu a mulher à serpente: Do fruto das árvores do jardim podemos comer,
3 mas do fruto da árvore que está no meio do jardim, disse Deus: Não comereis dele, nem nele tocareis, para que não morrais.

4 Disse a serpente à mulher: Certamente não morreréis.

5 Porque Deus sabe que no dia em que comerdes desse fruto, vossos olhos se abrirão, e sereis como Deus, conhecendo o bem e o mal.

Ciência do bem e do mau. Esse é o grande lance que está em jogo: ciência do bem e do mal. Que maçã coisa nenhuma, por que nem fala em maçã, fala em fruto... Por que não uma jaca, ou um kiwi? Talvez não seja muito romântico... Afinal de contas, quem é que manda nessa casa? Quem é o dono da goiabada, quem dá as cartas? Quem diz o que é o certo e o errado por aqui?

6 Então, vendo a mulher que aquela árvore era boa para se comer, e agradável aos olhos, e árvore desejável para dar entendimento, tomou do seu fruto, comeu, e deu a seu marido, e ele também comeu.

No fim desse processo, o homem faz um ato formal de repúdio a Deus. Opta por falar: eu se basto, como o Charles Bronson. Eu não vou obedecer a Deus e pronto. Cabô.

7 Então foram abertos os olhos de ambos, e conheceram que estavam nus; pelo que coseram folhas de figueira, e fizeram roupas para si.

Esse é um outro equívoco comum quando se fala do PO. Que seria um pecado de tipo sexual, o que é uma grande besteira. O PO foi um pecado de orgulho, de soberba, de presunção do homem se achar o “dono da verdade”, conhecedor da ciência do bem e do mau.

Entretanto, pode-se dizer que o PO teve implicações secundárias na maneira do homem e da mulher se relacionarem, implicando num certo movimento até então desconhecido de vergonha, de “não estarem à vontade”, afinal, de desarmonia entre o homem e a mulher. Mas repito: o PO não foi um pecado relacionado ao sexo, e sim à inteligência e à vontade do homem, de orgulho e desejo de poder.

2. Bom, afinal por que fizeram isso?

Já dissemos, por um problema de orgulho. Como assim, perguntaríamos?

O homem na situação de Justiça original era bom pra caramba. O homem via que era um cara legal, bem bolado. Eu, criatura? Sim, mas na prática... Não preciso de Deus, afinal de contas. Para quê? Eu sou bom pra caramba!

Chega Deus e adverte o homem: olha amigão, pega leve. Eu tô falando: não faz isso. Vai dar cacá. É todo o diálogo com a serpente: será que é, será que não é, será que pode? Pode sim! Melhor não....

A partir do momento em que o homem se convenceu que não precisaria mais de Deus, fez o seu ato formal de desobediência, de repúdio, de desprezo de Deus, que foi o PO.

- Olha, valeu, mas eu não preciso mais de você, tá?
- Mas, meu filho....
- “she is living home by by”

Realmente, estamos novamente diante de um mistério, e um mistério de grandes proporções. Estamos diante do misterium iniquitatis. Por que afinal de contas o homem despreza a Deus? Por que se considera melhor do que os outros, que são criaturas de Deus?

Uma maneira de entender um pouco isso é lembrar do que falávamos na primeira ou na segunda aula: da atitude filosófica e prática imanentista: a realidade não é a realidade objetiva, mas sim a subjetiva, a minha realidade, o certo e o errado é aquilo que eu digo o que é certo ou errado. A moral é a minha moral.

O PO é o imanentismo por excelência. Seremos conhecedores da árvore da ciência do bem e do mau. Daí, justamente, a gravidade dessa atitude arrogante por parte de muita gente: é uma participação direta na besteira original de Adão e Eva, nada menos.

3. Todos nascemos com o PO

Essa é uma outra questão importante, saber que o pecado original foi de tal gravidade que a natureza humana se alterou. Quando cometemos um pecado, nossa personalidade sofre uma transformação: diminuimos nossa caridade, aumentamos nossa propensão ao vício, pioramos, sem dúvida, mas continuamos os mesmos.

No caso do PO, dado o grau de advertência e o grau de domínio sobre si mesmos que os nossos primeiros pais tinham, a coisa implicou (pelo grau de responsabilidade, que é sempre proporcional à liberdade) numa alteração profunda do ser do homem, da sua própria natureza.

Adão e Eva não simplesmente **cometeram** um pecado, mas **contraíram** o pecado na sua natureza. E essa alteração se transmitiu através das gerações até cada um de nós.

4. Parênteses

Evidentemente, tudo o que falamos até agora e vamos falar daqui para a frente faz sentido, do ponto de vista intelectual, dentro do contexto, ou do pacote da Revelação sobrenatural; nenhuma dessas proposições se impõe por si mesmas, por são evidentes em si.

Não são evidentes. Precisam ser aprendidas como positivamente reveladas por Deus, e de fato não as deduziríamos da simples observação das coisas.

E ao mesmo tempo são permeadas de mistério. De maneira que se quisermos acreditar nelas pela sua simples lógica intrínseca, não vai funcionar. Acreditamos através do juízo da Igreja que, como vimos, do ponto de vista global, é digno de crédito, por razões indiretas.

Não obstante, nenhuma dessas proposições são contraditórias, nem agredem a nossa razão. Pelo contrário, explicam de maneira razoável os dados da observação. Alguém que assiste o gugu liberato na televisão por mais de 5 minutos certamente acreditará na existência do pecado original no homem, arraigado nos extratos mais profundos do seu ser.

2a. parte:

1. Anjos

Estamos analisando lentamente o credo, especificamente o artigo: Criador do Céu e da Terra. O Credo niceno-constantinopolitano acrescenta: e de todas as coisas visíveis e invisíveis

Por outro lado, no próprio homem podemos distinguir dois princípios de operação, um corpóreo, material, mecânico, biológico, e outro espiritual.

E sem grandes dificuldades podemos inferir aspectos de sua natureza espiritual. Justamente o que poderíamos chamar de liberdade e abstração. O homem tem um princípio gerador de operações livres e uma faculdade intelectual capaz não só de recolher e processar informações gerando uma resposta, mas consegue criar conceitos abstratos das coisas e fazer um monte de coisa com esses conceitos.

O ser humano é constituído na sua natureza pela íntima e indissociável união desses

dois princípios.

Até aí tudo bem. Mas, diremos nós o seguinte: a onipotência de Deus é capaz de criar seres que prescindem da matéria. Isso não é um erro lógico nem uma contradição e si mesma. Simplesmente, Deus podia fazê-lo, o fez e revelou para nós. Evidentemente, isso não é demonstrável com um multímetro, um osciloscópio ou uma balança, mas o sabemos pela revelação.

CIC 327

Por outro lado, a Igreja afirma a existência dos anjos de maneira peremptória

CIC 328

Sendo seres espirituais, possuem propriedades que decorrem disso:

São dotados de inteligência e vontade

São imortais (morte enquanto separação da alma e do corpo, dentro de uma concepção de tempo associada à matéria)

Superam em perfeição as criaturas visíveis

Eu admito que do ponto de vista estritamente dedutivo, seria difícil falar mesmo na existência dos anjos. Não se poderia fazer nenhum raciocínio para chegar à existência deles.

Quando falamos em características espirituais do homem, e mesmo da existência e atributos do ser de Deus, podemos fazer um monte de filosofia sem a revelação e chegar num monte de conclusões interessantes. Em cima desse conjunto de informações Deus vem e revela. Logo, essas coisas poderiam parecer mais razoáveis.

Mas Deus revelou também, e principalmente, informações que não saberíamos de jeito nenhum. Ao contrário de Deus e dos homens, existe uma base material para raciocinarmos. No caso de Deus é a própria criação.

No caso dos anjos não: nos apoiamos humildemente na autoridade de Deus que revela e pronto.

Muitas passagens da sagrada escritura CIC 331-332

Na vida de Cristo CIC 333

Nesse contexto, poderíamos também mencionar a existência dos anjos da guarda: S Basílio, Ad Eunomium: "Cada fiel é ladeado por um anjo como protetor e pastor para conduzi-lo à vida "

Mt 18, 10 Vede, não desprezeis a nenhum destes pequeninos; pois eu vos digo que os seus anjos nos céus sempre vêm a face de meu Pai, que está nos céus.

Essa é a concepção cristã a respeito dos anjos, a revelação é abundante com relação a eles.

Hoje em dia paulo-coelhal se fala muita besteira com relação a isso. Podem ser encontradas as maiores barbaridades com respeito a anjos: tem anjo para vender, espíritos bons, amuletos, eles são amigos das fadas e dos duendes etc.

2. Queda dos anjos

Falávamos no pecado original de uma voz sedutora, que deu uma mãozinha para Adão e Eva fazerem a besteira, se oporem a Deus.

A Tradição cristã vê na serpente uma criatura de natureza angélica, chamada Satanás ou Diabo.

Ap, 12, 7 Então houve guerra no céu: Miguel e os seus anjos batalhavam contra o dragão. E o dragão e os seus anjos batalhavam,

8 mas não prevaleceram, nem mais o seu lugar se achou no céu.

9 E foi precipitado o grande dragão, a antiga serpente, que se chama o Diabo e Satanás, que engana todo o mundo; foi precipitado na terra, e os seus anjos foram precipitados com ele.

A S.E. fala explicitamente de um pecado dos anjos:

2 Pe, 2, 4 Porque se Deus não poupou a anjos quando pecaram, mas lançou-os no inferno, e os entregou aos abismos da escuridão, reservando-os para o juízo;

Este foi um pecado de natureza radical e irrevogável:

S João Damasceno, De Fide Ortodoxa: “Não existe arrependimento para eles depois da queda, como não existe arrependimento para os homens depois da morte”

Por quê? No nosso caso, todas as nossas besteiras em vida têm perdão, por que elas sempre levam consigo um caráter de ignorância, maior ou menor. Nunca compreenderemos a fundo o mau que é o pecado, o misterium iniquitatis. O pecado é um abismo tão fundo e tão escuro que nossos olhos mortais não conseguem ver o que está lá embaixo.

Ao mesmo tempo, da nossa vontade querer algo e conseguir efetivamente há uma grande distância. É muito difícil para nós fazer o bem, mesmo o bem conhecido.

Rom 7, com efeito o querer o bem está em mim, mas o efetuar-lo não está.

19 Pois não faço o bem que quero, mas o mal que não quero, esse pratico.

Os anjos não estão sujeitos a essas limitações, possuem uma inteligência e uma vontade que não dependem dos sentidos.

Teríamos que entrar numa metafísica mais pesada, para dizer que eles captam a essência dos objetos, e nós os acidentes externos...

Quer dizer, quando nós fazemos um ato de aversão a Deus, esse ato não é definitivo, e sim reformável.

Eu sei que essas coisas não são muito fáceis de entender, mas o problema é que estamos acostumados em raciocinar dentro de parâmetros humanos, que nós conhecemos. Mas não podemos projetar as nossas limitações humanas a toda a criação, por que Deus não precisa fazer as coisas à nossa maneira. Ele faz do jeito que achar melhor entendamos ou não.

3. Conclusão

O diabo é uma criatura que atua no mundo para nos encher a paciência. Para nos tentar afastar de Deus. Entretanto ele nunca entra na nossa liberdade. Deus não

permite. É como cachorro raivoso acorrentado. Só chegamos perto se quisermos.

Por outro lado, por que Deus permite a ação dele no mundo? Por que Deus respeita a “liberdade” do diabo?

É sem dúvida mais um mistério. E implica num duro combate para o homem: CIC 409
gaudium et spes

Certamente, para tirar bens maiores

(...) quem sabe, a gente criatura é tão ruim, tão, que Deus só pode às vezes manobrar com os homens é mandando por intermédio do *diá*? Ou que Deus – quando o projeto que Ele começa é para muito adiante, a ruindade nativa do homem só é capaz de ver o aproximado de Deus, é na figura do *Outro*?

(por que Deus tolera o mau e o diabo)

JGRosa, G.Sertão, pg 33, apud H.V.Araújo pg. 299

E por outro lado, podemos estar certos disso, que dizia S. Leão Magno: “a graça inefável de Cristo deu-nos bens maiores do que aqueles que a inveja do demônio nos havia subtraído”